

# humanitas

Vol. XV–XVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XV E XVI



COIMBRA  
MCMLXIII-LXIV

No prefácio o A. promete (p. VIII) «índices amplísimos» no final do segundo volume. Sentimos já, aqui, a falta de um bom índice da matéria de cada uma das inscrições deste volume e da sua correspondência no *Corpus Inscriptionum Latinarum* ou em obras equivalentes (quando isso se puder fazer). Este índice não dispensaria outros que porventura viessem a completá-lo, no fim da obra.

Fica bem patente que este volume de inscrições latinas está cheio de elementos com interesse para o estudioso da língua, da história, da religião — em suma, da civilização do povo latino. A sua utilidade para as aulas «práticas» de epigrafia latina é também evidente.

J. GERALDES FREIRE

Alejandro Barcenilla, S.J. — **Grecia: origen y destino.** *En torno a Homero.* Salamanca, Perficit, Colegio San Estanislao, 1964. 100 pp.

Para auxiliar os licenciados que leccionam no ensino secundário, *Perficit*, sob a orientação dos Padres da Companhia de Jesus, do Colégio de Santo Estanislao, de Salamanca, publica agora um estudo sobre a cultura grega. O motivo desta publicação vem explicado na página de abertura : — o Ministério da Educação de Espanha indicou Homero como autor a estudar no curso pré-universitário durante o corrente quadriénio, na disciplina de Grego; ao mesmo tempo deverão ser tratados vários temas da história, da literatura e da civilização da Grécia antiga. Para aplicar o programa, é necessário, pois, dar uma ideia de conjunto dos vários aspectos da cultura grega, sem poder deter-se em nenhum deles em particular.

O intento que se propôs Alejandro Barcenilla foi perfeitamente conseguido. Nas 100 páginas compactas deste pequeno volume são tocados ao de leve todos os temas fundamentais, por vezes demasiadamente resumidos para que os alunos possam compreender todo o conteúdo neles escondido. Assim, o *marco geográfico* inicial (p. 5) é apenas uma sugestão, a ilustrar e a desenvolver pelo professor. Mais frio e difícil nos parece ainda o quadro esquemático da Grécia pré-histórica (pp. 5-6), sem qualquer comentário sobre as estações arqueológicas. Satisfazem-nos, porém, os elementos apresentados sobre o Paleolítico e o Neolítico no Egeu, em Creta e na Península Balcânica (pp. 6-13). A cultura cretense é rapidamente assinalada (pp. 13-15) para depois se entrar num bom resumo sobre os Indo-Europeus: sua origem, difusão, língua, sistema social, religião (pp. 15-18) e ainda sobre o seu estabelecimento na Grécia desde a Idade do Bronze, e a sua adaptação ao solo e às tradições autóctones (pp. 19-20). Na orientação sobre a cultura micénica, dá-se lugar de relevo ao Linear B, descendo, talvez escusadamente, a pormenores sobre a sua escrita (pp. 20-26). A primeira parte termina com as invasões do século xm e xna.C., especialmente a dórica (pp. 26-27).

Ao falar do contacto dos Micénios com as culturas do Oriente, Barcenilla cita «la hipótesis de que la concepción de los Campos Elíseos tiene su origen en una con-

cepción semita (Campos del dios El), trasvasada al mundo micénico a través de Ugarit» (p. 25). Tese semelhante foi defendida por Vincenzo Cocco na revista *Biblos*, XXXI (1951), pp. 401-422, onde o professor coimbrão tenta provar que o culto de El foi levado pelos Semitas para Creta e daqui passaria para a cultura micénica.

A segunda parte é dedicada à época arcaica, que o Autor considera compreendida entre os anos 1000 e 500. Se o termo de chegada é perfeitamente aceitável (início das guerras médicas), não compreendemos o critério de estabelecer o ano 1000 como ponto de partida. Entre a invasão dórica e Homero costuma considerar-se um período chamado, à falta de melhor, «Idade Média Grega», dado que foi um tempo de incubação da cultura grega e que sobre tão largos anos há extrema escassez de documentação. Parece-nos que a divisão tradicional seria de manter, tanto mais que sobre os séculos XIII-VIII pouco nos diz Barcenilla no *quadro geral* de introdução desta segunda parte (pp. 29-30). Dos problemas à volta de *Homero e a sua obra* (pp. 31-35) dá-se-nos boa informação de conjunto. É agradável ver chamar a Homero «el primer hombre del mundo moderno»; mas não subscreveríamos estoutra afirmação: «Nadie osó ponerle tacha, si no fue Platon al excluir a Homero y los poetas, de la república de los filósofos» (p. 31). É que nos lembramos que Heraclito escreveu: «Homero merece ser expulso dos concursos, e ser açoitado, bem como Arquíloco» (frag. 42 Diels)... Ao referir a origem da temática dos poemas homéricos, o Autor aceita as influências orientais também reconhecíveis em certos aspectos do estilo, pois pode buscar-se «un paralelo oriental al uso de los epítetos, las fórmulas y la repetición de escenas» (p. 34). Este ponto foi largamente tratado entre nós pelo Rev. P.<sup>e</sup> Dias Palmeira (*Humanitas*, XI-XII, pp. 171-191). Para a compreensão da época arcaica passam-se em revista os grandes centros da vida grega (pp. 35-38), explica-se o fenómeno das colonizações (pp. 39-40), expõem-se os princípios que presidem à evolução política (pp. 40-43), à transformação económica (pp. 43-45) e à evolução da legislação e da aplicação da justiça (pp. 45-46).

Finalmente, Barcenilla faz referência às guerras médicas e à consciência grega de superioridade (pp. 46-48). Parece-nos que este tema devia ser tratado no princípio da terceira parte, não só porque cronologicamente as campanhas decorreram todas durante o período clássico, mas porque a luta em que se empenharam os Gregos lhes deu plena consciência da unidade e grandeza típicas do apogeu da sua civilização. O Autor olha as consequências destes feitos nos séculos futuros e escreve: «En Maratón y Salamina nasce la conciencia de Europa como cultura superior y humana frente al inhumanismo asiático. Es la primera batalla de Europa como preludio de las que tendrá que librar contra el Islam, el imperio otomano, el comunismo...» (p. 47).

Na terceira parte intitulada *Os séculos de o uro na Grécia* começa-se por definir os caracteres essenciais do homem grego (pp. 49-52) cujo traço marcante é a descoberta do espírito e do indivíduo; expõem-se as causas do milagre grego (pp. 52-54) e faz-se menção da poesia épica (que nos parece deslocada, aqui) e lírica (pp. 54-56). Pindaro deveria ser colocado, cronologicamente, nos séculos VI-V (e não apenas no século V (p. 56), não só por ter nascido no século VI e nele ter começado a sua actividade, como para se insinuar melhor a sua ligação com a idade arcaica, de cuja mentalidade é alto expoente. Do teatro grego — tragédia e comédia — faz-se breve exposição sobre as suas origens, as representações, os autores e as suas obras (pp. 56-61). Apesar da excessiva concisão sobre o valor e pensamento de cada um dos autores,

Barcenilla julgou poder demorar-se na análise da «essência do trágico» (pp. 59-60). A propósito dos historiadores gregos, faz-se uma introdução sobre as origens da prosa (pp. 62-64), seguindo-se o mesmo critério quando se fala da ciência e técnica (pp. 64-66). O capítulo dedicado ao pensamento filosófico é apreciável pela segura introdução (pp. 66-67), pela esquematização das escolas dos pré-socráticos (pp. 67-69) e pelo desenho do *movimento sofista* (título este que, a nosso ver, devia substituir o que se encontra na página 69: «Período sociático-aristotélico», quando na realidade não se trata aqui de Sócrates, nem de Aristóteles). As figuras de Sócrates, Platão e Aristóteles, mencionadas a seguir, mereciam um pouco mais de desenvolvimento, apesar da economia deste livro (pp. 71-74). A retórica e a oratória são apreciadas nas suas origens, missão e cultores (pp. 74-76); da arte grega faz-se breve resumo, incidindo sobre a cerâmica e pintura, escultura e arquitectura (pp. 77-78). Os últimos capítulos desta parte são dedicados a uma apresentação de conjunto da sociedade política ateniense (pp. 80-83), da vida familiar (pp. 83-84), da educação (pp. 84-85) e da organização militar (pp. 86-88).

A época helenística é toda ela estudada muito sumariamente. Após breve referência à necessidade da unidade nacional perante o ataque da Macedónia (pp. 89-90) quase se faz só uma menção habilidosamente concatenada dos cultores da prosa, filosofia e poesia deste período (pp. 91-93). O mesmo se diga sobre os capítulos da literatura grega na época romana (pp. 93-95) e da literatura grega cristã (pp. 95-96). A concluir o seu trabalho, Barcenilla, que já anteriormente afirmara estar a cultura grega na origem da chamada civilização ocidental, apresenta o paralelo de Schachermeyr entre a cultura grega clássica e a moderna cultura do Ocidente (pp. 96-98).

Como se vê, o título geral deste livro — *Grecia: origen y destino. En torno a Homero* — não indica de modo bem explícito todo o seu conteúdo. Não se trata apenas de considerações sobre a *origem* e o *destino* da Grécia (termos bastante vagos), a propósito de Homero, mas estamos autenticamente perante uma «Breve história da civilização grega».

O resumo e as breves notas que acabamos de escrever dizem já do apreço que em nós despertou o trabalho de Alejandro Barcenilla. O seu mérito maior — ser uma orientação segura e sintética — constitui também a base de uma possível crítica: demasiada brevidade, acumulação de ideias, menção consecutiva de autores sem poder fazer sobre cada um a merecida apreciação. Alguns deslizes podemos ainda observar. Além das «gralhas» facilmente corrigíveis, outras há que provocam alguma confusão porque incidem sobre nomes próprios: assim, lemos «Seseos», em vez de Sesclos (p. 9); Górgias de «Lentini» em vez de *Leontini* (p. 70) e melhor seria ainda incorporar esta palavra na língua vernácula escrevendo *Leontinos*; Dionisio el «Fracio» (p. 91), em vez de *Trácio*. Também no capítulo 28 se chama a atenção para uma referência feita a Homero «no capítulo 19», quando na realidade tal referência se encontra no capítulo 20. Mais importante nos parece, porém, a falta de uniformidade na transliteração dos nomes gregos. A par de palavras que passaram a fazer parte do património das línguas modernas, há outras que se citam em grego, embora com caracteres latinos. Ora enquanto em *mégaron* e outras se coloca o acento, muitas mais aparecem sem ser acentuadas. Assim desejaríamos 1er : *bóthroi*, *hybris*, *scené*, *kômos*, *Peripatos*, *Koúroi*, *orchéstra*, *basileús*, *thêtes*, *dêmos*, *Hegemon*, *Koiné* e *leitourgia* (e não sem o segundo ditongo: «deiturgia»). Mas estes pormenores não tiram o valor ao trabalho. Um dos seus apreciáveis méritos é ainda apresentar no fim (pp. 99-100)

uma bibliografia selectiva de obras úteis para o desenvolvimento dos temas abordados. E notemos que esta bibliografia está perfeitamente actualizada, sendo sempre indicadas as obras e as edições mais recentes — até 1964, ano da publicação deste livro.

J. GERALDES FREIRE

**Plato, Gorgias.** A Revised Text with Introduction and Commentary by E. R. Dodds. Oxford, at the Clarendon Press, 1959. VIII + 406 pp.

«O *Górgias* é o mais «moderno» dos diálogos de Platão. Os problemas gémeos que expõe — como dominar o poder da propaganda numa democracia, como refazer os padrões morais num mundo cujos princípios tradicionais se desintegraram — são também os problemas centrais do séc. xx» — escreve o Prof. Dodds. Estas circunstâncias, juntas à falta de um comentário científico do diálogo no último meio século, levaram o famoso helenista a preencher tal lacuna com este livro, que é um monumento de saber e de erudição.

Nele nenhum problema foi descurado, e à interpretação do pensamento de Platão serve de base uma sólida preparação filológica. Dodds não se limitou, como geralmente acontece neste tipo de edições, a utilizar o texto oxoniense e respectivo aparato, registando em nota as possíveis discordâncias. Efectivamente, o trabalho do editor tinha de ser feito. Dos quatro melhores manuscritos, entre os 64 que contém este diálogo, só dois, B e T, estavam perfeitamente colacionados. Foi necessário ler de novo F, que Burnet interpretara deficientemente, e estudar exaustivamente W, que ele desprezara quase por completo. Aproveitou, além disso, alguns manuscritos menores, como Flor. X, Flor. b, V e Y, os papiros, em número de quatro, na maior parte ainda não utilizados, e a tradição indirecta, excepcionalmente rica neste caso. A longa exposição do prefácio, de pp. 34 a 67, sobre os documentos em que assenta a reconstituição do texto, incluindo a *examinatio* e a *recensio* dos manuscritos medievais e dos papiros e a apreciação crítica de comentários antigos e da tradição indirecta, é um modelo de clareza e de rigor científico.

Deste modo, a nova edição supera e substitui a de Burnet, a de Theiler e a de Croiset, embora, como o A. modestamente afirma, o estabelecimento definitivo do texto do *Górgias* não possa fazer-se ainda desintegrado do estudo de conjunto de toda a tradição manuscrita de Platão.

Um duplo aparato, o dos *testimonia* e das variantes, acompanha o texto.

Entre os exemplos de *emendatio*, devem salientar-se, como os mais brilhantes, o de 465a 4, 491a 4 e 493b 2. A primeira é uma das mais discutidas *cruces* do *Górgias*, que o A. resolve estabelecendo uma disjunção entre as duas formas verbais idênticas — *ὅτι προσφέρει <τ> προσφέρει* — com base sobretudo na recapitulação deste passo em 501a. A segunda resolve-se por uma haplografia, considerando que existira um primeiro *τίνων* masculino e um segundo partitivo neutro : *οὐκοῦν σὺ ερεῖς*